



ÉTICA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Maria Leda de Resende Dantas
Conselheira do Conselho Nacional de Saúde (Brasil)
Mestra em Comunicação Social

Pensar o bem-estar da população mundial, numa circunstância de fome, guerra, concentração nunca vista de riqueza, tanto no plano individual como no dos povos, num arranjo político-econômico que acelera todas estas contradições, na chamada globalização, pensar este bem-estar mundial, sob a perspectiva da ética parece uma doce e tola quimera. Muito ao contrário, pensar ativamente a ética é um desafio, uma responsabilidade coletiva intransferível e mais que urgente. Entretanto, pensar o extraordinário mundo das tecnologias de comunicação de massa, sob o prisma da ética, nas suas dimensões multifacetada, com seus intrincados labirintos de interesses conflitantes, constitui-se num autêntico sonho, quando não num apelo ficcional. Daí se depreende que pensar os meios de comunicação de massa com dimensões éticas, capazes de construir relações planetárias mais equânimes requer coragem, determinação, e organização para se superar o pensamento paralisante atual e se encarar uma ação coletiva e solidária capaz de, com nossos filhos e netos, transformarmos o mundo para os que estão para chegar.

Posicionamentos éticos de caráter pessoal, grupal ou coletivo, podem ser mais justos e adequados quando se examina a questão em pauta considerando-se a gênese, o desenvolvimento, a utilização da coisa ou evento. E, para chegar a uma posição melhor possível, deve-se valer das críticas já existentes, para que se possa fazer o juízo a que se quer chegar. Assim, pode-se começar problematizando.

- a) Nenhuma técnica, como nenhuma teoria, é neutra.
- b) Os meios de comunicação de massa, embora se apresentem como sistema de cultura de massa, não foram construídos a partir das culturas populares.
- c) As tecnologias de informação e comunicação foram e são desenvolvidas numa economia de guerra.
- d) Por sua complexidade e custo, os meios de comunicação de massa têm um caráter monopolista.
- e) O caráter monopolista dos meios de comunicação se exacerba no atual processo de globalização.
- f) Como instrumento de informação e de formação de opinião pública, constituem-se em aparatos ideológicos de poderosa e rápida eficácia.

Poder-se-ia, portanto, examinar as dimensões éticas sob dois prismas: a ética do sistema propriamente dito, na sua estrutura e funcionamento e a ética das mensagens, para além do sistema que a produz.

A ética que se faz necessária no mundo contemporâneo necessariamente contempla a relação pessoal dos seres humanos

Acompanhar o desenvolvimento desses meios e inserir-se na luta para que sejam política, filosófica e pragmaticamente cada vez mais éticos fascina e capacita os cidadãos do



mundo para que vençam as batalhas e façam dele um lugar propício à emancipação da espécie humana.

A qualidade da comunicação dos meios massivos poderia ser avaliada em quatro diferentes níveis: a informação poderia ser deturpar, omitir, admitir ou promover dimensões éticas das coisas, dos fatos e das idéias. Nada é tão clamorosamente imoral como se apresentar um ato de guerra contra uma população de tal forma que o receptor o capte como um espetáculo. A omissão muitas vezes se dá a pretexto de que algo não se constitui em notícia, por não oferecer impacto de novidade, de algo inesperado. Assim, por exemplo, pouco antes da 32^a Conferência Internacional de Bem-Estar Social aconteceu numa cidade próxima de Brasília, a 4^a Conferência Nacional de Saúde Indígena. Ali, brasileiros e estrangeiros, antropólogos, enfermeiros, médicos e outros trabalhadores da Saúde encontraram-se com pessoas pertencentes a mais de 220 povos indígenas, que falavam mais de 180 idiomas. Juntos, discutiram, denunciaram, propuseram, exigiram medidas governamentais necessárias à saúde dos povos indígenas brasileiros e ao aperfeiçoamento do Sistema Único de Saúde do Brasil. Os meios de comunicação, nacionais e estrangeiros omitiram-se na cobertura adequada do histórico evento. Felizmente, o aparato de comunicação do Sistema de Saúde documentou e promoveu a comunicação interna que a Conferência propiciou. Que variáveis se interpuseram para que tal omissão ocorresse?

Há, entretanto, fatos que a própria opinião pública exige que sejam focalizados. Há quase um ano a cidade americana de New Orleans foi arrasada por vendaval e enchente. As televisões mostram os bairros ricos reconstruídos e os bairros pobres se assemelhando aos bairros de Bagdá ou do Líbano. Completamente destruídos. Meramente se admite, se constata que as vítimas do desastre ecológico não foram socorridos e que o presidente do país se responsabiliza pelo fato. Fica-se, porém, na constatação material, sem se informar que essas vítimas são, na sua maioria, cidadãos afro-americanos.

Outra é a situação da epidemia que há mais de duas décadas assola o planeta. O drama do HIV positivo conseguiu sensibilizar os proprietários dos meios de comunicação, seus patrocinadores e técnicos. Houve uma verdadeira promoção do sentido ético da tragédia. O mundo foi sensibilizado. Assim, os meios de comunicação de massa de grande e restrita abrangência, em colaboração com a Organização Mundial de Saúde, com os sistemas nacionais e com organizações não governamentais, favoreceu um atendimento rápido dos afetados pela epidemia, na maioria dos continentes. Desgraçadamente, esta cobertura ainda não se dá nos países africanos e milhões de seres humanos sofrem a dor da doença e do preconceito. O mesmo se dá no caso da hanseníase. Neste caso, há um agravante inaceitável: enquanto na AIDS a ciência ainda se limita aos níveis da prevenção e do controle da doença, a hanseníase tem cura. E milhões de pessoas na África, na Ásia e no Brasil sofrem os horrores da dor, do abandono e da discriminação.

Poderemos realizar a 33^a Conferência Internacional de Bem-Estar Social sem termos encarado com coragem e o sentimento de urgência essas dimensões indecentes de desigualdade social e de pobreza?

Como será o mundo se, além de nossa atuação técnica no campo do Bem-Estar Social, se além de nosso engajamento político voltado para as relações Estado-Sociedade, nos propusermos a nos constituir num bloco internacional que lutará para que os miraculosos recursos dos meios de informação e comunicação sejam construtores do processo civilizatório fundado numa ética jubilosa de aceitação da diversidade, na inclusão social na solidariedade mundial?

(Brasília, Julho de 2006)